

Episódio 6 - Comunidade Cinema

Num quotidiano ainda ritmado por uma pandemia que nos empurrou para a solidão dos pequenos ecrãs, o Observatório de Cinema faz o elogio da comunidade de espectadores, de amigos, conhecidos e desconhecidos em redor da sala de Cinema, trespassados por uma luz sagrada. Um mote, então, projetado em filmes que discutem e alargam a comunidade, comunidades que se expandem do grande ecrã para fora da sala, em diálogos que hão-de constituir memórias, com um programa que arranca com **66 Cinemas** de Philipp Hartmann, ronda pela topografia de salas da Alemanha, de lugares e de relatos que são revisitações de pedaços da História.

A abrir e a fechar o programa, momentos altos de cruzamento da música com o cinema, filmes-concerto que ficarão no património do Teatro Municipal: **Manoel**, as texturas e os ritmos dos **Sensible Soccers**, devotos da cidade de Manoel de Oliveira, de **Douro Faina Fluvial** (a completar 90 anos) e o **O Pintor e a Cidade** (1956); a **Metropolis** de Fritz Lang revista pela partitura de Filipe Raposo, um piano e uma orquestra de câmara de 15 elementos, com a participação da **Orquestra Sinfónica Portuguesa**.

São de comunidades que se preencherão as Paisagens Temáticas, ficção e documentário, olhares sobre Portugal nas primeiras vivências em democracia: Manuela Serra e a comunidade de Lanheses em **O Movimento das Coisas**, as cooperativas do Ribatejo em **Prazer, Camaradas**, ou a estreia de **Operário Amador**, as origens de uma companhia de teatro, fundada por um grupo de operários têxteis, na agora vila de Joane. Mas são também olhares do presente, no quotidiano do centro histórico de Guimarães em **Surdina** ou a suspensão das vidas no Bairro do Aleixo em **A Nossa Terra, o Nosso Altar**. As comunidades são plurais, mesmo na clandestinidade do encontro da máquina com o humano no **Crash** de Ballard e Cronenberg, ou na convivência de uma família da Coreia com as paisagens da América e do seu cinema, em **Minari**.

As Histórias do Cinema são contadas por dois protagonistas: pela Hong-Kong de **Wong Kar-wai** e a Coreia do Sul de **Hong Sang-soo**. Cinematografias a descobrir, como a de Sang-soo que nos chegou tardiamente, ou de reencontro, com a comunidade de espectadores que fomos antes do virar do milénio, quando pela primeira vez encontramos os pares e a velocidade da cidade de Kar-Wai. O trabalho de mais de dez anos de **Basil da Cunha**, junto da comunidade da Reboleira (Amadora), é a nossa Fantasia Lusitana e um dos destaques do programa, com a presença nas sessões do cineasta suíço de origem portuguesa, que também ministrará uma masterclasse.

É um dos eixos do programa, na relação privilegiada com a **comunidade escolar**, com sessões preenchidas por animação, ficções, oficinas e concertos, em diálogo com o mote desta edição, com propostas divididas pela Casa das Artes, pelas escolas, por parcerias com os vários Agrupamentos de Escolas do concelho, incluindo a participação das escolas artísticas. No **Café Kiarostami**, falaremos de livros, de televisão e de Cinema e para **Famílias** juntaremos a mais recente criação dos Studio Ghibli ao centenário **The Kid** de Charlie Chaplin.

O encenador Luís Mestre a partilhar o fascínio pelo experienciar balladiano, o encontro da investigadora Maria do Carmo Piçarra com os personagens reais da comunidade da Reboleira, no diálogo com Basil da Cunha: as sessões comentadas singularizaram e intensificam um programa de mais de 30 sessões em oito dias, orientadas pelas comunidades que preenchem os filmes, num diálogo com o espectador que se estende pelo foyer do Teatro Municipal com uma exposição proposta pela Casa do Cinema Manoel de Oliveira.

Filmes-Concerto p.3 a p.6
Paisagens Temáticas p.6 a p.11
Histórias do Cinema p.11 a p.15
Fantasia Lusitana p.15 a p.19
Cinema para Escolas p.19 a p.22
Café kiarostami p.23 e p.25
Sessões para Famílias p.25 e p.26

PROGRAMA : OUTUBRO 2021

PA pequeno auditório GA grande auditório CC café-concerto

16 : SÁBADO

(15h00 PA) 66 Cinemas de Philipp Hartmann (95') p.7
(17h00 café-concerto) Lecture "Entre Linhas"
de Luciana Fina (45') p.23
(18h00 PA) O Filme de Oki de Hong Sang-soo (80') p.12

NOITE DE ABERTURA

(21h45 GA) Filme-concerto por Sensible Soccers - Manoel
de Manoel de Oliveira (47') p.5

17 : DOMINGO

(15h00 PA) O Movimento das Coisas de Manuela Serra (85') p.7
(15h30 GA) Aya e a Feiticeira de Gorō Miyazaki (80') p.26
(17h00 PA) Apresentação do livro OZU de Donald Richie (30') p.24
(17h30 GA) O Céu por Cima de Cá
de Companhia de Música Teatral (70') p.8
(18h00 PA) Primavera Tardia de Yasujiro Ozu (105') p.24
(21h45 PA) Ao Sabor da Ambição de Wong Kar-wai (100') p.12

18 : SEGUNDA

(10h00 GA) Pequeno Mundo (90') p.20
(18h30 GA) Pequeno Mundo (60') p.20
(21h45 PA) Dias Selvagens de Wong Kar-wai (100') p.12

19 : TERÇA

(10h00 GA) O Mundo Secreto de Arrietty
de Hiromasa Yonebayashi (90') p.21
(18h30 GA) Operário Amador de Ramon de los Santos (60') p.8
(21h45 PA) Minari de Lee Isaac Chung (115') p.9

20 : QUARTA

(14h00 AE D. Maria II) Murmuration - Rumos e Rumores
de Companhia de Música Teatral e
Associação Musicoteatral dos Açores (25') p.22
(18h30 PA) Prazer, Camaradas! de José Filipe Costa (105') p.9
(21h45 PA) Anjos Caídos de Wong Kar-wai (95') p.13

21 : QUINTA

(10h00 Riba d' Ave) Surdina de Rodrigo Areias (75') p.10
(18h30 PA) O Dia em Que Ele Chega de Hong Sang-soo (80') p.14
(21h45 PA) Nuvem de Basil da Cunha 30'
+ Até ver a Luz de Basil da Cunha (95') p.16

22 : SEXTA

(10h00 OFICINA) Masterclasse Basil da Cunha por Basil da Cunha 120'
+ Os Vivos Também Choram de Basil da Cunha 30'
+ Nuvem Negra de Basil da Cunha (14') p.17
(18h30 PA) A Nossa Terra, O Nosso Altar de André Guiomar (75') p.10
(21h45 PA) Chungking Express de Wong Kar-wai (100') p.14
(23h30 PA) Crash de David Cronenberg (95') p.11

23 : SÁBADO

(11h00 PA) O Garoto de Charlot de Charlie Chaplin (65') p.26
(14h30 PA) Mulher na Praia de Hong Sang-soo (125') p.15
(17h00 café-concerto) Apresentação do livro Projectar a Ordem -
- Cinema do Povo e Propaganda Salazarista (45') p.25
(18h00 PA) A Côte de Basil da Cunha (25') p.18
+ O Fim do Mundo de Basil da Cunha (105') p.19

NOITE DE ENCERRAMENTO

(21h45 GA) Filme-concerto por Filipe Raposo - Metropolis
de Fritz Lang (115') p.6



MANOEL DE OLIVEIRA, A COMUNIDADE

**EM EXPOSIÇÃO DE 7 DE OUTUBRO 17H00
A 26 DE JANEIRO 2022 (FOYER)**

Esta exposição propõe um percurso pelo cinema de Manoel de Oliveira, tendo por foco o modo como os seus filmes interrogam, de diferentes maneiras, a amplitude e os contornos da noção de comunidade. Declinando a questão a partir de distintos pontos de vista, a meio caminho entre a etnografia, a história, a sociologia, ou, ainda, a própria prática do fazer cinema (uma arte coletiva) e sondando os alicerces identitários, simbólicos, culturais que, ao longo de mais de oitenta anos, foram dando forma à comunidade nacional e moldando o seu imaginário, a obra do realizador foi sendo também um perspicaz barómetro crítico com o seu tempo.

Organizada pela Casa do Cinema Manoel de Oliveira – Fundação de Serralves, com curadoria de António Preto, a exposição apresenta excertos de filmes e documentação pertencente ao Acervo do realizador, integralmente depositado em Serralves.

A exposição funciona como um prólogo para o episódio 6 do CLOSE-UP – Observatório de Cinema, dedicado ao mote da Comunidade, que decorrerá em vários espaços do Teatro Municipal, de 16 a 23 de Outubro.

Em breve será anunciado um programa educativo que incluirá: visita orientada à exposição; oficina para famílias ou outro público a designar; ação de formação para técnicos municipais e professores.

FILMES CONCERTO

Nas sessões de abertura e encerramento, dois filmes-concerto, um cruzamento de linguagens com que procuramos singularizar o programa desde a primeira edição em 2016:

MANOEL, dupla abordagem a Manoel de Oliveira e à cidade do Porto pelos Sensible Soccers, que passaram pelo segundo Close-up na resposta a uma encomenda de filme-concerto de O Homem da Câmara de Filmar: Douro Faina Fluvial (que completou por estes dias 90 anos) e O Pintor e a Cidade (1956);

METROPOLIS, de Fritz Lang, obra máxima do Cinema e do expressionismo, numa composição de Filipe Raposo (pianista residente da Cinemateca Portuguesa), uma nova partitura para orquestra de câmara com 15 elementos, com a participação da Orquestra Sinfónica Portuguesa, dirigida pelo Maestro Cesário Costa. (VR)



Os **Sensible Soccers** são André Simão, Hugo Gomes e Manuel Justo. Editaram o seu primeiro EP em 2011, ano em que também se estrearam nas atuações ao vivo. Desde então a banda deu inúmeros concertos em palcos de todos os tipos, desde clubes, auditórios e associações culturais a eventos de projeção internacional, como o Primavera Club, Festival Vodafone Paredes de Coura, Boom Festival, Vodafone Mexefest, NOS Primavera Sound, Rock in Rio Lisboa ou a primeira edição portuguesa do Boiler Room, tendo conquistado um público variado e em número sempre crescente. A sonoridade dos Sensible Soccers não é fácil de compartimentar. Sem esconderem o gosto pelas melodias pop, na construção dos seus temas fazem conviver a eletrónica com instrumentos orgânicos, fugindo ao formato tradicional de canção e optando maioritariamente por estruturas e arranjos em progressão. A pandemia da Covid 19 interrompe as apresentações de “Aurora” e lança a banda num novo projeto: o seu quarto álbum de originais que resulta da composição de uma banda sonora para dois filmes (“Douro Faina Fluvial” e “O Pintor e a Cidade”) do aclamado realizador Manoel de Oliveira. Este projeto, que se desenrola ao longo de um ano e com o apoio do Criatório da C.M. do Porto, culmina com a edição de “Manoel”, a 1 de outubro de 2021.



Filipe Raposo é pianista, compositor e orquestrador. Iniciou os seus estudos pianísticos no Conservatório Nacional de Lisboa. Tem o mestrado em Piano Jazz Performance pelo Royal College of Music (Estocolmo) e foi bolseiro da Royal Music Academy of Stockholm. É licenciado em Composição pela Escola Superior de Música de Lisboa. Tem colaborações em concerto e em disco com alguns dos principais nomes da música portuguesa: Sérgio Godinho, José Mário Branco, Fausto, Vitorino, Amélia Muge, Camané, Rita Maria. Desde 2004 tem colaborado com a Cinemateca Portuguesa como pianista, para a qual gravou a banda sonora para as edições em DVD de “Lisboa, Crónica Anedótica” de Leitão de Barros (2017) e “O Táxi no 9297” de Reinaldo Ferreira (2018). Filipe Raposo compõe habitualmente bandas sonoras para cinema e teatro. Em parceria com António Jorge Gonçalves tem desenvolvido uma investigação artística sobre o nascimento da arte. Em nome próprio já editou os discos: First Falls (2011); A Hundred Silent Ways (2013); Inquiétude (2015); Rita Maria & Filipe Raposo Live in Oslo (2018); Øcre (2019).

Criada em 1993, a **Orquestra Sinfónica Portuguesa** (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos, participações em festivais de música nacionais e internacionais.

Cesário Costa concluiu, em Paris, o Curso Superior de Piano, estudou Direção de Orquestra, completando a Licenciatura e o Mestrado na Escola Superior de Música de Würzburg (Alemanha). Doutorou-se pela Universidade Nova de Lisboa, com a tese “Noble et Sentimental: Pedro de Freitas Branco e a problemática da interpretação na música de Maurice Ravel”.



SENSIBLE SOCCERS

MANOEL

de Manoel de Oliveira

16 DE OUTUBRO 21H45 (GA)

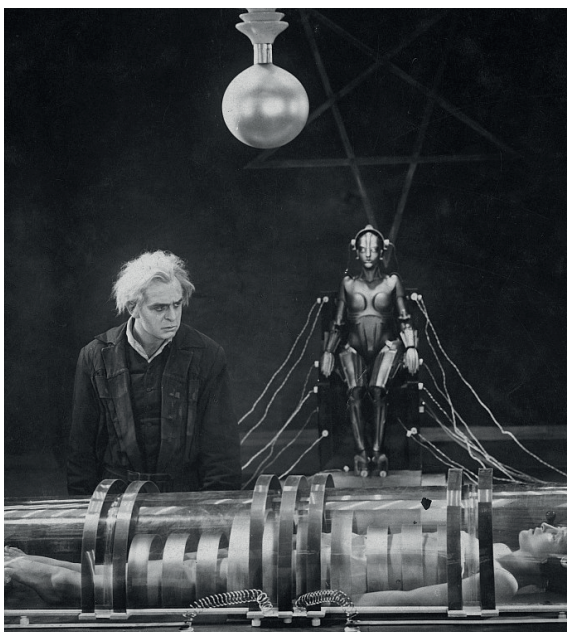
Douro, Faina Fluvial

(Portugal, documentário, 1931, 21 min) M/12

O Pintor e a Cidade

(Portugal, documentário, 1956, 26 min) M/12

A ideia nasce da vontade de compor uma banda sonora para "Douro, Faina Fluvial" (1931), primeiro filme de Manoel de Oliveira (à data com 22 anos de idade). A banda havia feito o mesmo para "Homem da Câmara de Filmar" de Dziga Vertov (uma encomenda da Casa das Artes de Famalicão, com estreia na segunda edição do CLOSE-UP), as similaridades entre as obras são evidentes e a vontade de continuar a explorar este filão era grande. O projeto torna-se mais ambicioso quando se confrontam com a relação especial entre "Douro Faina Fluvial" e "O Pintor e a Cidade" (1956), filmes completamente antagónicos - o segundo funciona como uma negação do primeiro - separados por vinte e cinco anos e unidos pela cidade do Porto neles impressa. Ver os dois filmes de seguida fez desenhar uma viagem a dois passados distintos, um exercício de memória impactante e emocionante, um convite à reflexão sobre a identidade e desenvolvimento da cidade até aos nossos dias. A ideia passou assim a ser musicar ambos os filmes, irmanando-os num trabalho que resultasse, por um lado, num LP, onde a música teria que funcionar e viver sem as imagens e por outro, num espetáculo ao vivo, em formato cine-concerto, onde os filmes seriam projetados e os Sensible Soccers executariam a banda sonora em direto, a apresentar na sessão de abertura da sexta edição do CLOSE-UP, a 16 de Outubro.



FILIPPE RAPOSO E A ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA, DIRIGIDA POR CESÁRIO COSTA **METROPOLIS**

de Fritz Lang

23 DE OUTUBRO 21H45 (GA)

Metropolis

(Alemanha, ficção, 1927, 115 min) M/12

Um dos filmes mais célebres de sempre, Metropolis é uma parábola sobre as relações sociais numa cidade do futuro. Os privilegiados vivem nas alturas, enquanto a massa de trabalhadores oprimidos vive nos subterrâneos. No entanto, no desenlace, haverá uma reconciliação artificial entre as classes. Porém, o que faz de Metropolis uma obra-prima é a realização de Fritz Lang, os impressionantes e excepcionais cenários futuristas, o domínio absoluto das massas de figurantes, a oposição entre homens e máquinas.

PAISAGENS TEMÁTICAS CINEMA COMUNIDADE

A comunidade, como um lugar onde se reúnem pessoas, o próprio acto de reunir como uma qualidade daquilo que lhes é comum, o cinema. Em observação nesta 6.ª edição do Close-up, uma arqueologia dessa pertença, como referia Deleuze, “o ecrã funciona como uma membrana cerebral, «uma membrana polarizada», onde tudo se conecta imediatamente”. No programa, documentários, ficções e outros assim-assim, e muitos lugares onde vivem indivíduos e personagens agremiadas. Na civilização da imagem procuram-se rituais de visionamento em comunidade. Como dizia Manuela Serra aos seus actores, “Começam”.

Começamos com “66 Cinemas” de Philipp Hartmann, uma análise aos vestígios das pequenas salas de cinema alemãs em diálogo com programadores e técnicos, suas lutas e nostalgias. Depois, em “O Movimento das Coisas” de Manuela Serra, iremos estabelecer contacto com uma comunidade rural do norte português em (trans)figuração após a revolução dos cravos. Aproveitando a estadia no pós-25 de Abril, “Prazer, Camaradas!” de José Filipe Costa, uma comunidade passada recordada no presente por personagens interpretados por eles mesmo, no momento da sua chegada às cooperativas de Aveiras de Cima para viverem a revolução em direto.

Em estreia, “Operário Amador” de Ramon de los Santos, um documentário sobre a comunidade responsável pela formação do Teatro Construção em Joane, no período revolucionário e, em “Surdina”, a ficção de uma comunidade geriátrica vimaranense da autoria de Rodrigo Areias. “A Nossa Terra, o Nosso Altar” de André Guiomar testemunha a morosa desfiguração da comunidade do bairro social do Aleixo, o premiado “Minari” de Lee Isaac Chung traz-nos um olhar sobre uma família de imigrantes sul-coreanos e o seu desejo de fazer parte dessa grande comunidade fantasiada chamada de “sonho americano”. Por fim, corpos e máquinas em colisão, o humano e o tecnológico ligados numa comunidade clandestina, o mundo sem futuro de J. G. Ballard ampliado pela lente de David Cronenberg em “Crash”. (CC)



66 CINEMAS

de Philipp Hartmann

DIA 16 DE OUTUBRO 15H00 (PA)

PRESENÇA DE GONÇALO OLIVEIRA
E CARLOS NATÁLIO

66 Kinos

(Alemanha, documentário, 2016, 95 min) M/12

Depois da ronda de exhibições do seu filme "O Tempo Voa Como Um Leão Que Ruge" (2013) em 66 cinemas e cine teatros alemães, o realizador Philipp Hartmann quis realizar este documentário. Em diálogo com operadores de cinema e diretores de programação, o autor reflecte sobre as dificuldades e lutas diárias com que as pequenas salas independentes se deparam para sobreviver, num contexto de grande massificação da indústria cinematográfica.



O MOVIMENTO DAS COISAS

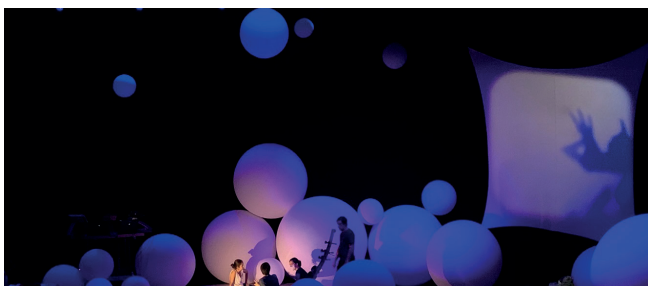
de Manuela Serra

DIA 17 DE OUTUBRO 15H00 (PA)

PRESENÇA DE DANIEL PEREIRA E VASCO CÂMARA

(Portugal, documentário, 1985, 85 min) M/12

"O Movimento das Coisas" é um dos filmes mais curiosos que nas décadas de setenta e oitenta abordaram o universo rural do norte português, estabelecido na comunidade de Lanheses, no concelho de Viana do Castelo. Começado a desenvolver no interior da Cooperativa VirVer, em cujos projetos Manuela Serra trabalhou durante vários anos, só seria concluído algum tempo depois e apesar de premiado no Festival de Mannheim, na Alemanha, e depois em Portugal, no Festróia, o filme só agora chegou ao circuito comercial português.



O CÉU POR CIMA DE CÁ

de Companhia de Música Teatral

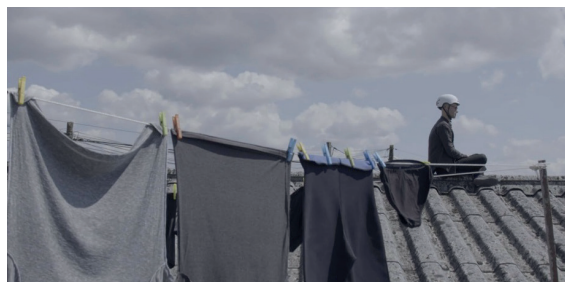
SESSÃO ESPECIAL

DIA 17 DE OUTUBRO 17H30 (GA)

(70 min)

A parceria da Companhia de Música Teatral (CMT) com o Município de V. N. Famalicão tem sido construída praticamente desde o início da CMT e da Casa das Artes. E isso tem permitido o desenvolvimento regular de “constelações artístico-educativas”, um modelo de trabalho que procura articular a criação e fruição artística, a formação e educação, o envolvimento da comunidade, a reflexão e comunicação de processos e resultados. Ao longo dos últimos anos as questões ambientais têm estado no centro de alguns dos trabalhos desenvolvidos pela CMT em V. N. Famalicão (por exemplo com NOAH, Metamorfose e Gamelão de Porcelana e Cristal) e tornou-se cada vez mais evidente que a criação artística pode ter um papel muito importante na consciencialização das pessoas, deixando inquietações, promovendo a sensibilidade, o desejo de fazer algo pela Terra que nos foi dado habitar. O ano de 2020 foi marcado por uma reviravolta dramática na “ordem das coisas”: um dos mais elementares “organismos” existentes no Planeta transformou profundamente a forma como vivemos (e morremos) e pôs à prova a vontade, engenho, determinação, imaginação e criatividade de toda a espécie humana. Tornou-se evidente a fragilidade da nossa existência, a necessidade de cooperarmos e de construirmos laços. No meio da crise pandémica a Casa das Artes lançou o desafio de construir uma Cidade Orizuro. Para a CMT uma Cidade Orizuro é o lugar imaginário onde podemos reunir todos os sonhos. Onde arte e educação são caminhos para se habitar uma terra cheia de verde. Onde das

mãos nascem pássaros e um desejo comum: construir um mundo melhor. Foi dentro deste enquadramento que surgiu a criação O Céu Por Cima de Cá, uma obra que se vai transformando conforme a identidade e o céu de cada lugar. O registo em vídeo e em livro desta “memória sensível” é uma forma de perpetuar no tempo e de fazer crescer no espaço a experiência efémera mas real e profunda que aconteceu em 2020 em Vila nova de Famalicão. A Cidade Orizuro continua, assim, em construção.



OPERÁRIO AMADOR

de Ramon de los Santos

ESTREIA

DIA 19 DE OUTUBRO 18H30 (GA)

PRESENÇA DE RAMON DE LOS SANTOS

E SÉRGIO AGOSTINHO

(Portugal, documentário, 2021, 60 min) M/12

Este será um filme que documenta a “viagem” de Sérgio Agostinho ao terreno humano que viu germinar a sua paixão pelo Teatro. Este terreno é formado pela memória do seu pai – Faria Martins – e por mais alguns operários têxteis que na década de 70 tiveram a ideia de fundar uma companhia de teatro em Joane: O Teatro Construção. Na década de 80 veio a ser uma referência, sobretudo devido ao Festival de Teatro Construção, um dos maiores festivais de Teatro da região norte, na época. Um documentário sobre certa origem do Teatro: Um grupo de operários têxteis decide, nos anos 70, formar uma companhia de teatro.



MINARI

de Lee Isaac Chung

DIA 19 DE OUTUBRO 21H45 (PA)

PRESENÇA DE DANIELA RÔLA

Minari

(EUA, ficção, 2020, 115 min) M/12

Década de 1980. David, de sete anos, muda-se com os pais, imigrantes sul-coreanos, para uma zona rural do Arkansas. A vida ali é difícil e os pais arriscam todas as poupanças ao tentar criar uma quinta em solo inexplorado. Perante tanta imprevisibilidade, será a chegada da avó Soonja, uma pessoa muito peculiar, a ajudar David a adaptar-se àquele lugar. Um drama semibiográfico sobre o “sonho americano”, escrito e realizado pelo americano de ascendência coreana Lee Isaac Chung. Estreado no Festival de Cinema de Sundance, onde recebeu o Grande Prémio do Júri e o Prémio do Público, foi o vencedor do Globo de Ouro para melhor filme estrangeiro e recebeu seis nomeações para os Óscares.



PRAZER, CAMARADAS!

de José Filipe Costa

SESSÃO PARA ESCOLAS

(ALUNOS DO SECUNDÁRIO)

DIA 20 DE OUTUBRO 18H30 (PA)

PRESENÇA DE JOSÉ FILIPE COSTA

E ANA ISABEL STRINDBERG

(Portugal, documentário, 2021, 105 min) M/12

Em 1975, no Portugal pós-revolução de Abril, uma mulher e dois homens — Eduarda Rosa, João Azevedo e Mick Geer — viajam da Europa do Norte para trabalharem nas cooperativas das herdades ocupadas no Ribatejo. Como muitos outros, ajudam nas actividades rurais e pecuárias, dão consultas médicas, aulas de planeamento familiar, mostram filmes de educação sexual e participam nos bailes tradicionais. Estreado no Festival de Locarno, o filme junta histórias e comunidades portuguesas no pós-25 de Abril de 1974, contadas por portugueses e estrangeiros que as viveram.



SURDINA

de Rodrigo Areias

SESSÃO PARA ESCOLAS

(ALUNOS DO 3º CICLO E SECUNDÁRIO)

DIA 21 DE OUTUBRO 10H00 (RIBA D' AVE)

PRESENÇA DE RODRIGO AREIAS E ANTÓNIO DURÃES

(Portugal, ficção, 2019, 75 min) M/12

Escrita por Valter Hugo Mãe, esta comédia de Rodrigo Areias centra-se no dia-a-dia de Isaque, um viúvo de alguma idade que não consegue ultrapassar a morte da mulher. Foi rodado e passa-se todo em Guimarães, terra do escritor e do realizador, responsável pelo "western" "Estrada de Palha". Tem no elenco António Durães e Ana Bustorff e a música original está a cargo de Tó Trips, metade dos Dead Combo.



A NOSSA TERRA, O NOSSO ALTAR

de André Guiomar

DIA 22 DE OUTUBRO 18H30 (PA)

PRESENÇA DE ANDRÉ GUIOMAR

(Portugal, documentário, 2020, 75 min) M/12

O filme testemunha as últimas rotinas no quotidiano do bairro social do Aleixo, marcadas pela tensão de um destino forçado. Entre a queda da primeira e da última torre, o processo de demolição arrasta-se durante anos, deixando as vidas dos moradores em suspenso. Obrigados a aceitar o fim da sua comunidade, assistem de forma impotente à lenta desfiguração do seu passado.



CRASH

de David Cronenberg

DIA 22 DE OUTUBRO 23H30 (PA)

PRESENÇA DE LUÍS MESTRE

Crash

(Canadá/França/Grã-Bretanha, ficção, 1996, 95 min) M/18

Um dos maiores êxitos da carreira de David Cronenberg e, também, um dos seus filmes mais controversos e polémicos. Adaptado do romance de J.G. Ballard, "Crash" é um filme demencial sobre o uma comunidade fascinada pelo sexo e pela morte sobre rodas. Trata-se de uma macabra visão sobre a combinação entre erotismo e mutilação, autodestruição calculada e desejo sexual, morte violenta e acidentes rodoviários. Premido em Cannes, será exibido com cópia restaurada que celebra o 25.º aniversário da sua estreia.

HISTÓRIAS DO CINEMA

IN THE MOOD
FOR KAR-WAY E SANG-SOO

Um cineasta explica à namorada do amigo: "As tuas acções de hoje e a minha obsessão com pureza são tudo imagens. Estamos a reproduzir imagens gravadas em nós por outros." Neste diálogo de *Mulher na Praia* de Hong Sang-soo, uma ideia servirá de ponto de partida, o eu penso em oposição ao eu sou pensado. Do eu todo poderoso ao sujeito membro de uma comunidade, um espírito colectivo. O eu como o elemento chave da representação do indivíduo, a sala de cinema como entidade alternativa, realidade intangível na qual se privilegia o todo pelos diversos componentes, as relações e os sentimentos, as emoções como motor do nós, e o grande ecrã, veículo da reprodução desse plural, de como é que outros vivem.

Uma secção desenhada em elipse, na intersecção entre Wong Kar-Wai e Hong Sang-Soo, pontos que se ligam através de sinais e sintomas emocionais recorrentes, filmes em linha curva como viagens de descoberta. Kar-Wai examina o desejo de conexão humana através de dramas visuais hipnotizantes que giram em torno do tempo e seus deslocamentos, "o meu processo é mais como uma aventura — há frequentemente desvios que me levam a lugares desconhecidos". Sang-Soo investiga equívocos e ilusões entre homens e mulheres, narrativas que se distorcem e se transformam em reverberações e lugares inesperados. E se os personagens de Kar-Wai nos embriagam em cores e música pop, os de Sang-Soo bebem mais e melhor. (HRP)



O FILME DE OKI

de Hong Sang-soo

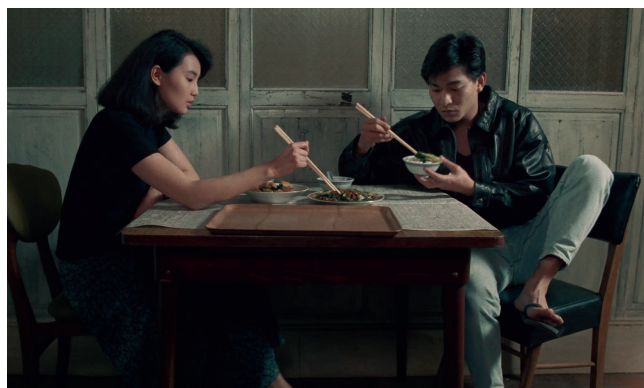
DIA 16 DE OUTUBRO 18H00 (PA)

PRESENÇA DE MARIA JOÃO MADEIRA

Ok-hui-ui yeonghwa

(Coreia, ficção, 2010, 80 min) M/12

Composto em quatro partes, mostra diferentes momentos na vida e diferentes perspectivas de três personagens que formam um triângulo amoroso: Song, um realizador veterano, agora professor, Jingu, um realizador mais novo e Oki, uma atraente estudante de cinema.



AO SABOR DA AMBIÇÃO

de Wong Kar-wai

DIA 17 DE OUTUBRO 21H45 (PA)

PRESENÇA DE VASCO CÂMARA

Wong Gok ka moon

(Hong-Kong, ficção, 1988, 100 min) M/12

Estreia na realização de Wong Kar Wai, "Ao Sabor da Ambição" é um filme de gangsters que tem lugar nas ruas de Mongkok, em Hong Kong. Andy Lau interpreta um baixo funcionário da máfia, dividido entre um romance florescente com a sua prima (Maggie Cheung, na primeira de muitas colaborações com o cineasta) e a sua lealdade para com o seu impulsivo parceiro de crime (Jacky Cheung), cujas tentativas imprudentes de ganhar reconhecimento resultam num ciclo de violência que parece não ter fim.



DIAS SELVAGENS

de Wong Kar-wai

DIA 18 DE OUTUBRO 21H45 (PA)

PRESENÇA DE JORGE PEREIRA

Ah Fei jing juen

(Hong-Kong, ficção, 1990, 100 min) M/12

1960. Yuddy (Leslie Cheung) é um jovem que descobriu recentemente que a mulher que o criou, uma prostituta, não é sua mãe biológica. Ela recusa-se a dizer-lhe quem é a sua verdadeira mãe, até que a revelação desencadeia uma série de perturbações mentais em Yuddy. Paralelamente duas mulheres apaixonam-se por ele, mas o jovem mostra-se incapaz de decidir com quem deseja ficar.



ANJOS CAÍDOS

de Wong Kar-wai

DIA 20 DE OUTUBRO 21H45 (PA)

PRESENÇA DE JOSÉ BÉRTOLO

Fallen Angels

(Hong-Kong, ficção, 1995, 95 min) M/12

Depois de ter obtido a notoriedade internacional com "Chungking Express", Wong Kar-Wai apresentou "Anjos Caídos" como uma espécie de continuação desse filme. No mesmo ambiente da sua obra anterior, "Anjos Caídos" cruza as histórias de um assassino profissional e de um rapaz solitário em busca da mulher dos seus sonhos. Leon Lai interpreta o papel do assassino profissional desiludido com a vida, com a ideia fixa de superar os sentimentos que nutre pela sua colega (Michelle Reis). No cenário sórdido e surreal da vida nocturna de Hong Kong, cruza-se com um mudo que tenta chamar a atenção do mundo de uma forma pouco convencional.



O DIA EM QUE ELE CHEGA

de Hong Sang-soo

DIA 21 DE OUTUBRO 18H30 (PA)

PRESENÇA DE LUÍS MENDONÇA

Book chon bang hyang

(Coreia, ficção, 2011, 80 min) M/12

Seongjun, realizador em sabática, chega a Seoul para visitar um amigo, mas o amigo não lhe atende as chamadas. Vagueia pela cidade, vai a um bar onde a dona é estranhamente parecida com a sua ex-namorada, encontra uma actriz, conhece alguns estudantes de cinema, encontra o amigo. Repetem-se personagens, situações, locais. Seongjun pode ter passado vários dias em Seoul ou talvez continue a ser o seu primeiro dia na cidade. De qualquer forma não tem outra alternativa senão enfrentar o "presente".



CHUNGKING EXPRESS

de Wong Kar-wai

DIA 22 DE OUTUBRO 21H45 (PA)

PRESENÇA DE RICARDO GROSS

Chung Hing sam lam

(Hong-Kong, ficção, 1994, 100 min) M/12

Os polícias 223 e 663 trabalham em Hong Kong, no turno da noite. São jovens e ingénuos e ambos foram abandonados pelas namoradas. O bar "Midnight Express" está aberto toda a noite e o seu gerente ouve pacientemente os desabafos de um dos polícias ao mesmo tempo que dá conselhos gastronómicos, pelo telefone, ao outro. Faye trabalha no bar do tio como empregada de balcão e desenvolve uma paixão secreta pelo agente que frequenta o bar. Este poderia ser o resumo do enredo de "Chungking Express" que assenta sobretudo nisso: imagens de uma das cidades mais cosmopolitas do planeta, onde as luzes nunca se apagam e o movimento é quase perpétuo. Imagens tranquilas de existências rotineiras numa cidade que desconhece a rotina e onde se vive em permanente frenesim. As pessoas passam, os lugares ficam, como disse Wong Kar-wai. Se Visconti immortalizou Veneza e Scorsese Nova Iorque, Wong Kar-wai é o poeta definitivo de Hong Kong.



MULHER NA PRAIA

de Hong Sang-soo

DIA 23 DE OUTUBRO 14H30 (PA)

PRESENÇA DE DANIEL MARQUES PINTO

Haebyeonui yeoin

(Coreia, ficção, 2006, 125 min) M/14

Joongrae, um realizador num impasse criativo, convence Changwook, um amigo, a ir até uma estância balnear durante alguns dias. Changwook leva consigo a namorada, Moonsook, fã dos filmes de Joongrae. Os dois acabam por se envolver e Joongrae regressa a Seul. Dois dias depois, volta à estância balnear onde conhece uma jovem mulher que se parece com uma das personagens que idealiza para o seu novo filme.

FANTASIA LUSITANA

BASIL DA CUNHA

O cinema de Basil da Cunha habita as sombras, com a esperança de chegar à luz. Os seus filmes são, até certo ponto, reflexões sobre (e com) a luz. Naquilo que ela tem de fenómeno puramente físico (o realizador delicia-se com personagens que caminham pela noite, ou em interiores escuros, alumeadas por candeias, luzes giratórias ou chamas), mas também em tudo o que a luz carrega enquanto símbolo (a sombra como sinal do alheamento e da exclusão social, a luz como forma de expansão e afirmação individual e coletiva).

Daí que esse “caminho para a luz” que, em parte, caracteriza o arco narrativo de muitos dos seus filmes, não seja tanto uma forma de redenção das personagens (que não eram más, nem se tornaram boas - a moralidade não lhe interessa realmente), antes uma forma de dar visibilidade.

A iluminação em cinema, segundo o olhar de Basil da Cunha, é tanto um procedimento técnico da direção de fotografia, como uma plataforma de reconhecimento público dos desapossados. Dar luz (nos dois sentidos da expressão, o literal e o figurado) às personagens, que se confundem com as pessoas que lhes dão corpo, é um ato de generosidade - e eis que se encontra o adjetivo que melhor caracteriza o cinema deste realizador português nascido suíço.

E se generosas são as relações que se estabelecem entre o cineasta e a comunidade da Reboleira onde tem trabalhado, são-no também as formas, elas mesmas, dos seus filmes (isto é, a sua relação com o espetador). Basil da Cunha explora, regularmente, os limites dos géneros cinematográficos, com um especial gosto pelo cinema fantástico e pela “fábula proletária” que desemboca no thriller policial. O resultado: um cinema entre o realismo social e o filme de ação, entre o olhar observacional e a potência da ficção, entre o retrato e o sonho (ou seja, entre a luz e a sombra). (RVL)



NUVEM

de Basil da Cunha

DIA 21 DE OUTUBRO 21H45 (PA)

PRESENÇA DE BASIL DA CUNHA

E RICARDO VIEIRA LISBOA

(Portugal, ficção, 2011, 30 min) M/12

Nuvem, rapaz com particular queda pela deambulação e o devaneio, vive no centro do bairro da lata crioulo de Lisboa. Nesse bairro com ares de pátio dos milagres, onde se cruzam velhos pescadores desdentados e rappers, tomam-no pelo tolo da aldeia. Com pouca inclinação para o trabalho, gosta da companhia dos cães e dos palhaços. Perante a indiferença da empregada de bar pela qual está apaixonado e o desdém dos seus pares, Nuvem vira-se para a busca do misterioso peixe-lua.



ATÉ VER A LUZ

de Basil da Cunha

DIA 21 DE OUTUBRO 21H45 (PA)

PRESENÇA DE BASIL DA CUNHA

E RICARDO VIEIRA LISBOA

(Suíça/Portugal, ficção, 2013, 95 min) M/16

Nascido e criado no Bairro da Reboleira, na Amadora, Sombra já foi condenado e preso por vários delitos. Hoje, acabado de sair da prisão, regressa à sua vida normal como "dealer", numa tentativa de reintegração no implacável grupo de amigos. Porém, apesar do esforço, está consciente que é um marginal dentro da própria marginalidade do bairro. Por tudo isso, sabe que o seu destino será ser sempre julgado não apenas por aquilo que fez mas, acima de tudo, por aquilo que é. Com argumento e realização do luso-suíço Basil da Cunha, marca a terceira participação do jovem realizador no prestigiado Festival de Cinema de Cannes (depois das curtas "Nuvem", em 2011, e "Os vivos também choram", em 2012), onde o filme teve a sua estreia mundial.



MASTERCLASSE **BASIL DA CUNHA**

SESSÃO PARA ESCOLAS

(ALUNOS DE AUDIOVISUAIS E MULTIMÉDIA)

DIA 22 DE OUTUBRO 10H00 (OFICINA)

PRESENÇA DE BASIL DA CUNHA

Os Vivos Também Choram

(Portugal, ficção, 2011, 30 min) M/12

Núvem Negra

(Portugal, ficção, 2014, 14 min) M/12

Suíço de origem portuguesa, Basil da Cunha nasceu em 1985. Realizou várias curtas-metragens de forma autodidacta e ingressou no Departamento de Cinema / Cinéma du réel da HEAD - Genebra em 2007. A partir de 2011 as suas curtas-metragens “Nuvem” e “Os Vivos Também Choram” são seleccionadas para a Quinzena dos Realizadores do Festival de Cannes arrecadando esta última a menção especial do Prémio Illy. Em 2013 estreia “Até Ver a Luz” a sua primeira longa-metragem. A sua segunda longa-metragem, “O Fim do Mundo” (2019), foi seleccionada pelo Festival de Locarno e premiada no Indie Lisboa, entre outros festivais nacionais e internacionais.



A CÔTÉ

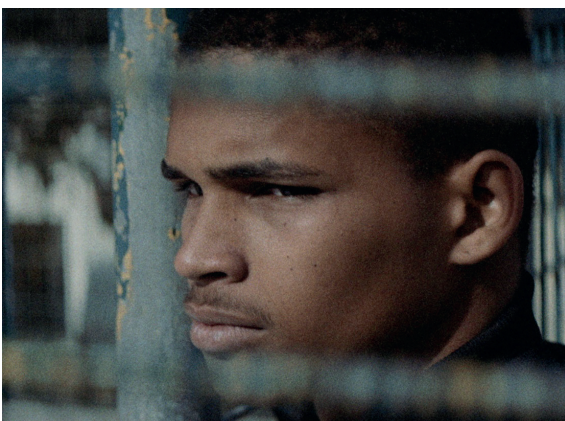
de Basil da Cunha

DIA 23 DE OUTUBRO 18H00 (PA)

PRESENÇA DE BASIL DA CUNHA
E MARIA DO CARMO PIÇARRA

(Portugal, ficção, 2009, 25 min) M/12

Serguei é um trabalhador dos caminhos de ferro, aparentemente bem disposto e afável. Mas na intimidade do seu apartamento sombrio, vive uma terrível solidão que tenta compensar vendo comédias na televisão. Quando a TV se avaria, ele tenta arranjá-la, mas acaba ouvindo um casal que discute no apartamento do lado. Levado por um fascínio crescente com a voz da mulher, começa a partilhar, em segunda-mão, o quotidiano da vizinha até ao dia em que decide cruzar a porta...



O FIM DO MUNDO

de Basil da Cunha

DIA 23 DE OUTUBRO 18H00 (PA)

PRESENÇA DE BASIL DA CUNHA
E MARIA DO CARMO PIÇARRA

(Suíça/Portugal, ficção, 2019, 105 min) M/16

Spira, de 18 anos, passou os últimos oito a cumprir pena numa casa de correcção. Agora, quase homem feito, regressa ao bairro da Reboleira, Amadora, onde vive a família. Parentes e amigos, contentes com o seu regresso, fazem questão que se sinta em casa. Ao contrário de Kikas, um dos mais influentes traficantes do bairro, que considera Spira uma ameaça e que vai fazer de tudo para que ele não seja aceite. Seleccionado para competir no Festival de Locarno (Suíça), um filme dramático escrito e realizado pelo luso-suíço Basil da Cunha ("Até Ver a Luz") que, na edição de 2020 do Festival IndieLisboa arrecadou os prémios Melhor Longa-Metragem Portuguesa e Árvore da Vida.

CINEMA PARA ESCOLAS

Animação, ficções, oficinas, concertos e sessões comentadas: um programa diversificado, com propostas divididas pela Casa das Artes, pelas escolas e direccionadas para todos os graus de ensino, do ensino básico até ao secundário, em diálogo com os vários Agrupamentos de Escolas do concelho, mas também com a participação das escolas profissionais, designadamente a ACE – Escola de Artes de Famalicão (para alunos de Teatro) e a OFICINA - Escola Profissional do Instituto Nun'Alvares (para alunos de Audiovisuais e Multimédia), onde se realizará a masterclasse do cineasta Basil da Cunha, um dos destaques do programa. Sessões que ambicionam estender-se para lá da sala de projecção e enriquecer os currículos da escola, em diálogo com a restante programação do Close-up, sob o tema da Comunidade.



PEQUENO MUNDO

DIA 18 DE OUTUBRO

PEÇA PARA 2 VIOLONCELOS, 2 NARRADORES,
ELETRÓNICA, VÍDEO ARTE

SESSÃO PARA ESCOLAS (AE D. SANCHO I)

PRIMEIRA SESSÃO : 10H00 (GA)

(90 min)

Conversa com os alunos sobre o processo criativo de toda a peça: com a investigadora sobre o material e processo pesquisa; com os artistas sobre o processo de criação (Música, poema, performance) e toda a manipulação de materiais; apresentação de pequenos vídeos, fotos e sons sobre o processo de criação.

SESSÃO PARA ESCOLAS E PÚBLICO

SEGUNDA SESSÃO : 18H30 (GA)

(60 min)

Apresentação do filme-concerto, da peça musical Pequeno Mundo.

Onde se cruzam a Ciência e a Arte? Numa conversa entre uma investigadora e um músico permutam-se interesses, curiosidades e fascínios: onde é que estes dois mundos, aparentemente tão distantes – Ciência e Arte – se cruzam? Pequeno Mundo é uma peça musical gráfica do Space Ensemble, desenvolvida por um grupo de criativos que cruzam diversas linguagens artísticas, em parceria com uma investigadora da área da Biologia. Fungos, invertebrados, folhas em decomposição, biodiversidade - estes são alguns dos objetos de estudo da ciência que neste espetáculo se tornam em elementos de expressão artística, observados sob uma nova perspetiva – o olhar do artista. A partilha de conhecimento e a exploração de diferentes perspetivas em relação ao mesmo elemento, despertam uma nova compreensão das pequenas coisas que nos sustentam enquanto seres humanos. Pequeno Mundo é uma tomada de consciência da coexistência, correlação e interdependência entre o micro e o macro.

Música / Violoncelo - António Oliveira

Música / Violoncelo - Carina Albuquerque

Coreografia / Bailarina - Daniela Cruz

Dramaturgia / Actor - Nuno Preto

Videografo / Fotografo - Pedro Teixeira

Eletrónica / Manipulação de Vídeo em Tempo Real - Ricardino Lomba

Consultora Científica - Isabel Fernandes

Conceção / Direção Artística / Composição Musical - Samuel Martins

Coelho

Direção Executiva - Nuno Alves



O MUNDO SECRETO DE ARRIETTY

de Hiromasa Yonebayashi

SESSÃO PARA ESCOLAS (1º E 2º CICLOS)

DIA 19 DE OUTUBRO 10H00 (GA)

Kari-gurashi no Arrietty

(Japão, Animação, 2010, 90 min) M/6

A família Clock são pessoas com quatro polegadas de altura que vivem, anonimamente, na residência de outra família, levando emprestado objetos simples e pequenos para construírem o seu lar. A vida muda para a família Clock, quando a sua filha Arrietty é descoberta. Filme de animação dos Studio Ghibli sobre uma amizade improvável que floresce entre dois mundos diferentes.

OPERÁRIO AMADOR

de Ramon de los Santos

**DIA 19 DE OUTUBRO
18H30 (GA)**

Este será um filme que documenta a "viagem" de Sérgio Agostinho (...) p.8

PRAZER, CAMARADAS!

de José Filipe Costa

**DIA 20 DE OUTUBRO
18H30 (PA)**

Em 1975, no Portugal pós-revolução de Abril, uma mulher e dois homens (...) p.9

SURDINA

de Rodrigo Areias

**DIA 21 DE OUTUBRO
10H00 (RIBA D' AVE)**

Escrita por Valter Hugo Mãe, esta comédia de Rodrigo Areias centra-se (...) p.10



MURMURATORIUM - RUMOS E RUMORES

de Companhia de Música Teatral e
Associação Musicoteatral dos Açores

SESSÃO PARA ESCOLAS (1º, 2º E 3º CICLOS)

DIA 20 DE OUTUBRO 14H00 (A.E.D. MARIA II)

PRESENÇA DE HELENA RODRIGUES

(Portugal, documentário, 2020, 25 min) M/6

Murmuratorium é simultaneamente uma “performance” músico-teatral e uma instalação que pode ser explorada num registo livre e informal. Um espaço arquitetónico, ou um recanto da paisagem, é habitado temporariamente por objetos cénicos-sonoros e pessoas, dando voz à “delicadeza”, à “escuta” e “revelação do belo”, à necessidade de “estar junto” de forma poética e sensível. O documentário reflete o processo de criação e recolhe as opiniões dos criadores artísticos e de alguns participantes.

A Música é um universo infinito: é fruição, expressão, comunicação, é arte, ferramenta, elemento de construção de identidades, fator de desenvolvimento humano e muito mais. A Companhia de Música Teatral explora os territórios férteis da criação, das relações entre formas de expressão, do desenvolvimento musical e da cooperação através da Música.

MASTERCLASSE

de Basil da Cunha

DIA 22 DE OUTUBRO 10H00 (OFICINA)

Suíço de origem portuguesa, Basil da
Cunha nasceu em 1985 (...) p.17

CAFÉ KIAROSTAMI

CONVERSAS,
MÚSICA
E POESIA
ATRAVÉS DO CINEMA



LECTURE “ENTRE LINHAS”

de Luciana Fina

16 DE OUTUBRO 17H00 (CAFÉ-CONCERTO)

Na Lecture “Entre Linhas” Luciana Fina partilha os materiais da investigação, as imagens e os sons trabalhados na concepção, desenho e montagem da exposição “Andromeda”, inaugurada este ano em Lisboa. Concebida para ambiente expositivo, “Andromeda” convoca o pensamento crítico, a expressão artística e cinematográfica inscritos no palimpsesto da televisão pública italiana nos anos 1960 e 1970. São os anos da entrada do meio televisivo no espaço doméstico, os mesmos em que o cinema questiona profundamente a sua relação com o real e em que surge a resposta experimental da primeira videoarte. Curto-circuitando memória subjectiva e memória colectiva, bem como a condição do proto e do pós-espectador, Luciana Fina documenta e revitaliza a complexidade das ideias e das artes num momento singular da história da imagem. A exposição “Andromeda” foi apresentada este ano nas Carpintarias de São Lázaro em Lisboa, no programa do Festival Temps d’Images, em maio-julho 2021. A Lecture “Entre Linhas”, é apresentada ao longo de 2021 na Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão, Istituto Europeo di Design Milão, AR.CO Lisboa, Universidade de Évora, Escola de Artes e Universidade da Beira Interior.



APRESENTAÇÃO DO LIVRO **OZU DE DONALD RICHIE**

DIA 17 DE OUTUBRO 17H00 (PA)

PRESENÇA DE DANIEL PEREIRA

O primeiro grande estudo da obra de Yasujiro Ozu no ocidente e, à sua data, o mais completo. Donald Richie reconstrói cronologicamente o processo de criação do cineasta japonês, analisando primeiro a escrita do argumento, depois a fase de rodagem e, por fim, a montagem. Em cada um destes capítulos, fotogramas, fotografias de cena e de trabalho, e, acima de tudo, fotografias de argumentos e desenhos originais durante a fase de escrita ilustram as ideias de Richie. O último capítulo, filmografia biográfica, dá-nos também o retrato de Ozu enquanto ser humano. Assim “Ozu”, de Donald Richie, é a vida e obra de Yasujiro Ozu. A The Stone and The Plot editou pela primeira vez este incontornável livro sobre a obra do cineasta japonês. Em complemento, será exibido o filme Primavera Tardia, uma das obras maiores de Yasujiro Ozu.



PRIMAVERA TARDIA

de Yasujiro Ozu

DIA 17 DE OUTUBRO 18H00 (PA)

Banshun

(Japão, ficção, 1949, 105 min) M/12

Noriko (Setsuko Hara) está perfeitamente feliz a viver em casa com o seu pai viúvo, Shukichi (Chishû Ryû), e não tem planos para casar – ou melhor, não tem até a sua tia Masa (Haruko Sugimura) convencer Shukichi que, a não ser que ele case a sua filha de 27 anos em breve, há uma enorme probabilidade de esta permanecer sozinha para o resto da sua vida. Quando Noriko resiste ao arranjinho de Masa, Shukichi vê-se forçado a enganar a sua filha e sacrificar a sua própria felicidade para fazer o que ele acredita estar certo. Primavera Tardia é o filme que inaugura o período final da obra de Ozu, as obras de grande maturidade que o fizeram conhecer tardiamente no estrangeiro.



APRESENTAÇÃO DO LIVRO **PROJECTAR A ORDEM - CINEMA DO POVO E PROPAGANDA SALAZARISTA**

**DIA 23 DE OUTUBRO 17H00
(CAFÉ-CONCERTO)**

PRESENÇA DE MARIA DO CARMO PIÇARRA

Trata-se de um livro sobre o Cinema do Povo (1935-1954) do SPN/SNI, cinema ambulante que percorreu o país para combater o comunismo e promover o corporativismo e o Estado Novo. Lançado, em 1935, em Lisboa, onde encheu de público as praças da cidade, iniciou a itinerância após o começo da Guerra Civil em Espanha. A Revolução de Maio foi o filme de redenção privilegiado que, entre outros programados por Manuel Félix Ribeiro, projectou, no país rural e analfabeto, a imagem do Estado Novo concebida por António Ferro.

SESSÕES PARA FAMÍLIAS

A mais recente criação dos Studio Ghibli, Aya e a Feiticeira, e a reposição com cópia restaurada de uma das obras mais pessoais de Charlie Chaplin – The Kid, oportunidade para assinalarmos o centenário do filme que junta o Charlot e o garoto, em sessões com filmes separados por cem anos, que ambicionam juntar gerações na imersão da sala de cinema.





AYA E A FEITICEIRA

de Gorō Miyazaki

17 DE OUTUBRO 15H30 (GA)

Earwig and the Witch

(Japão, animação, 2021, 80 min) M/6

Aya tem 10 anos e foi deixada num orfanato ainda bebê. Ela adora viver lá, sobretudo porque tem a incrível habilidade de fazer com que toda a gente faça exactamente o que quer. A última coisa que Aya deseja é ser adoptada pela feiticeira Bella Yaga...mas, pela primeira vez na sua vida, o seu desejo não é atendido. Apesar de contrariada e triste de abandonar os seus amigos, coloca a sua melhor cara e sorriso forçado e vai. Afinal sempre quis aprender magia! Mas Aya precisará de toda a sua ingenuidade para, com a ajuda do gato de Bella Yaga, conseguir sobreviver e sobretudo florescer.



O GAROTO DE CHARLOT

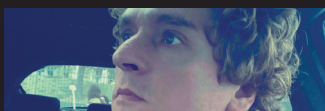
de Charlie Chaplin

DIA 23 DE OUTUBRO 11H00 (PA)

The Kid

(EUA, ficção, 1921, 65 min) M/6

Uma mãe solteira deixa um hospital de caridade com seu filho recém-nascido. A mãe percebe que não tem condições para criar o filho, por isso, decide deixá-lo no banco de trás de um carro, de pessoas ricas, e deixa um bilhete a pedir que cuidem do seu filho. Mas, em contrapartida, o carro é roubado por dois ladrões, que quando descobrem o bebé abandonam-no numa rua deserta. Sem saber de nada um vagabundo (Chaplin) faz o seu passeio matinal e encontra o bebé. Cinco anos depois, a criança (Jackie Coogan) e o seu pai adoptivo são inseparáveis, e o pequeno é uma ajuda preciosa no trabalho de reparação de vidros “acidentalmente” partidos. Realizada por Charlie Chaplin – que se inspira na miséria da sua própria infância –, uma comédia dramática sobre o amor, que permanece uma das mais importantes referências cinematográficas de todos os tempos.



Carlos Natálio



Maria João Madeira



Vasco Câmara



Ramon de los Santos



Ana Isabel Strindberg



Rodrigo Areias



Basil da Cunha



Ricardo Gross



Maria do Carmo Piçarra



Gonçalo Oliveira



Sensible Soccers



Jorge Pereira



Daniela Rola



José Filipe Costa



António Durães



Ricardo Vieira Lisboa



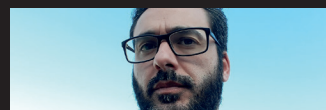
Luís Mestre



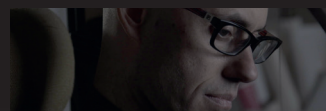
Filipe Raposo



Luciana Fina



Daniel Pereira



Sérgio Agostinho



Helena Rodrigues



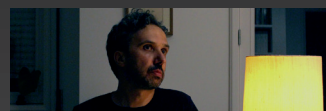
José Bertolo



Luís Mendonça



André Guiomar



Daniel Marques Pinto

COM A
PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Organização:

Município de Vila Nova de Famalicão
Casa das Artes

Direcção Artística da Casa das Artes

Álvaro Santos

Programação:

Vitor Ribeiro

Concepção:

Vítor Ribeiro
João Catalão
Álvaro Santos

Textos, Apresentações e Debates:

Cristina Coelho (CC)
Hugo Romão Pacheco (HRP)
Ricardo Vieira Lisboa (RVL)
Vitor Ribeiro (VR)

Produção:

Casa das Artes de Famalicão

Comunicação:

Álvaro Magalhães
Cristiana Carmo
José Agostinho Pereira

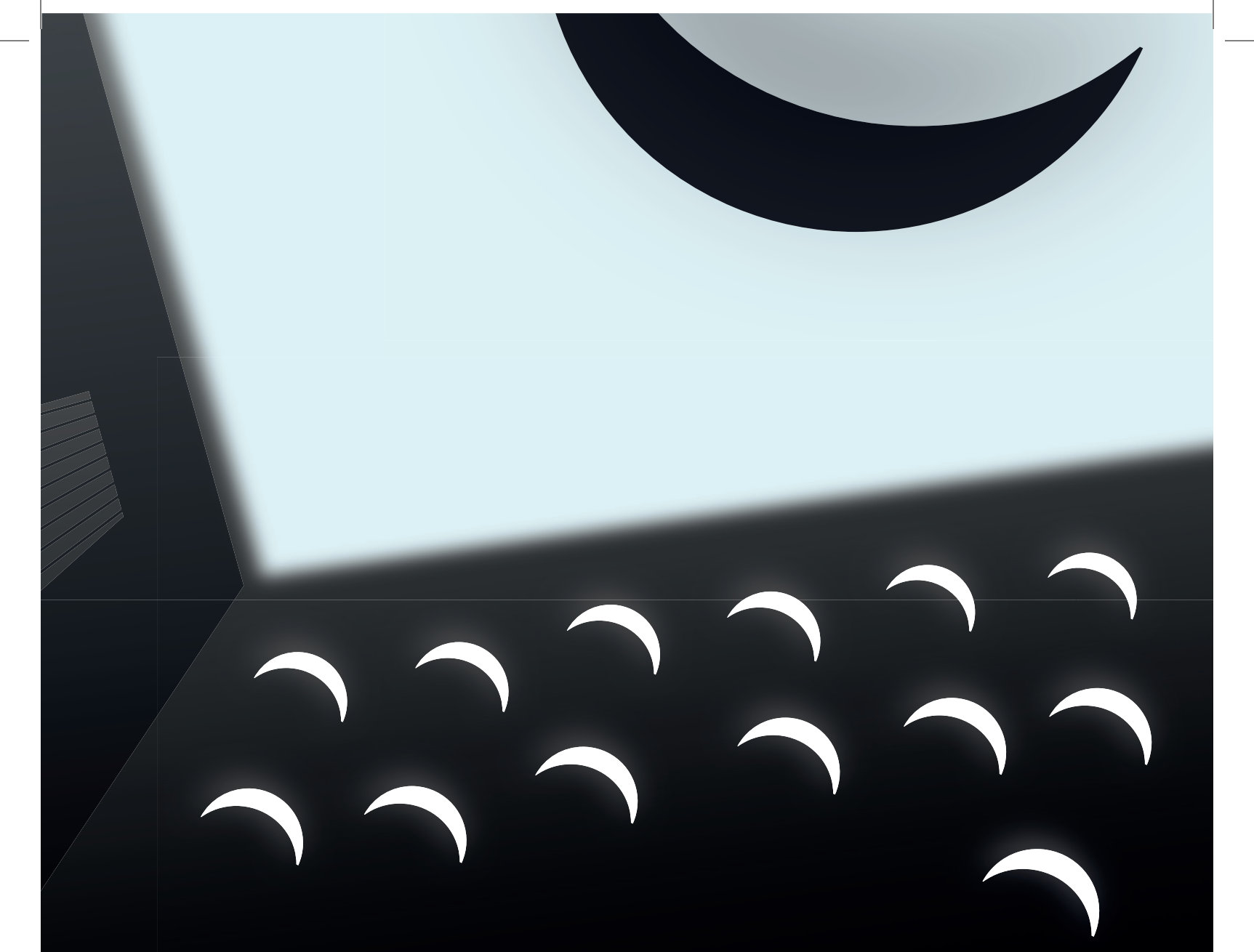
Grafismo:

Galeria Gabinete

Entidades Parceiras

Cineclube de Joane
Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema
ICA
Os Filhos de Lumière
CinEd
Maumaus
DGArtes
Plano Nacional de Cinema
ACE
Camilo Castelo Branco
D. Maria II
Gondifelos
D. Sancho I
Pedome
OFICINA - Escola Profissional do Instituto
Nun'Alvares.





BILHETEIRA

Geral: 2 euros

Cartão quadrilátero: 1 euro

Estudantes, seniores, associados de cineclubes:

Entrada livre

BILHETEIRA SESSÕES PARA FAMÍLIA

Geral: 2 euros

Cartão quadrilátero, estudantes, seniores, associados
de cineclubes: 1 euro

BILHETEIRA FILMES-CONCERTO

Sensible Soccers

Filipe Raposo & Orquestra Sinfónica Portuguesa

Geral: 6 euros

Cartão quadrilátero, estudantes, seniores, associados de
cineclubes: 3 euros

CAFÉ KIAROSTAMI

Foyer e Café-concerto: entrada livre

<http://closeup.pt>



16 A 23 OUTUBRO EPISÓDIO 6: CINEMA COMUNIDADE

CLOSEUP

CASA DAS ARTES DE FAMALICÃO